

Além da fé: templos de arte e história

Na Universidade Sagrado Coração, santuário tem arte iconográfica de artistas búlgaros; Lauro de Souza Lima abriga a capela Nossa Sra. das Dores

ANA PAULA PESSOTO

Muito além da fé de seus frequentadores, as capelas também guardam tesouros das instituições que as abrigam, como a arte e a história.

Na Universidade Sagrado Coração (USC) há duas capelas. Uma privativa no prédio-dormitório das irmãs e outra aberta aos alunos e comunidade. Esta última data de 1970, quando a USC era a antiga Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Fafil), mas ganhou nova cor e arte com uma reforma em 1997.

“Através do arquiteto Jurandir Bueno, a capela ganhou a arte iconográfica de dois artistas búlgaros. Isso foi feito na tentativa de resgatar a iconografia da Igreja do primeiro milênio cristão e mostrar que a arte faz parte do saber. Tal arte faz parte da busca da Igreja por suas origens”, pincela o coordenador da pós-graduação em antropologia e professor de estética e história da arte e literatura da USC, Antônio Walter Ribeiro de Barros Júnior.

E as pinturas nas paredes da capela encantam seus visitantes. Cheias de simbolismos, elas remetem à vinda das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus ao Brasil, no século XIX. A ressurreição também está representada na arte do templo, assim como o elemento feminino na figura de Maria, que mostra o caminho para os cristãos, ou seja, Jesus Cristo.

CORAÇÃO

Para a coordenadora da Pastoral da Universidade, irmã Carina Cássia de Souza, a capela é o coração da instituição.

“Os alunos procuram muito este espaço. Ele já



Construída em 1970, na antiga Fafil, a capela da USC foi decorada com a iconografia búlgara na reforma de 1997



O coordenador da pós-graduação em antropologia da USC, Antônio Walter Ribeiro de Barros Júnior, explica o resgate artístico-religioso das pinturas; para a coordenadora da Pastoral da Universidade, irmã Carina Cássia de Souza, a capela é o coração da instituição bauruense



abrigou casamentos de professores e ex-alunos, que voltam para se unir em

matrimônio aqui. Também é aqui que os ex-formandos celebram reencontros.

A importância da capela está no fato de focarmos na formação humana e,

nela, entra a espiritualidade”, afirma.

Aberta diariamente, a ca-

pela da USC recebe missas às segundas, terças, quintas e sextas-feiras, sempre às 7h.

Lembranças que o tempo não apaga

Divulgação/Arquivo Pessoal

A igreja era decorada com festa para os casamentos da antiga Colônia Aimorés; a foto é da década de 1950



Voluntário do Morhan, Jaime Prado lembra com nostalgia do funcionamento da capela, que conheceu em 1968

A capela do ‘Lauro’ atualmente está fechada e passa por restauração; nas fotos, o antes e o processo de reforma

Abrigada no Instituto Lauro de Souza Lima (ILSL), a capela Nossa Senhora das Dores guarda histórias dignas de um bom livro. Inaugurada em 15 de setembro de 1951, era frequentada pelos internos do antigo Asilo-Colônia Aimorés, e hoje está fechada para restauração.

“A inauguração contou com a presença de autoridades e personalidades do Estado e da cidade, como Lauro de Souza Lima, na época diretor do Departamento de Profilaxia de Lepre (DPL) do Estado de São Paulo, e dom Henrique Goulardi Trindade, bispo de Botucatu. Também houve a cobertura de uma emissora de rádio, a antiga PRG 8”, conta Jaime Prado, um dos representantes na Preservação da História das Colônias do Estado de São Paulo e voluntário do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (Morhan) Nacional, na base de Bauru.

Entre as muitas histórias perpetuadas no interior do templo estão os matrimônios dos asilados.

Muitos dos casamentos foram realizados na década de 1950, segundo Jaime. Entretanto, a igreja funcionou até meados da década de 1970.

“Meu amigo e padrinho de casamento, Durval Candozin, hoje com 87 anos de idade, foi um dos que se casaram nessa capela. Ele foi internado na colônia em 1956, onde conheceu a esposa, Nair Marega (já falecida). Eles se casaram em 1959, uma história maravilhosa que nos faz viajar no tempo”, reporta Jaime.

Entre os fatos interessantes da capela, ele também destaca a presença frequente do bandeirante da ciência brasileira, o cientista Lauro de Souza Lima, considerado o verdadeiro pai e missionário dos portadores da hanseníase, naquela época, o terror da humanidade. “Tenho informações de que a igreja não será usada como tal porque não é consagrada, então, pode ser usada para outras finalidades, não sei qual será. Lamento muito. Conheço a história do lugar desde 1968.”

